

**Durval Muniz de
Albuquerque Júnior**

REGIÃO E MISTIFICAÇÃO:

**o Nordeste é resistência?
Quem resiste no Nordeste?**

**SÉRIE
PANDEMIA**

**M-1
edições**

$n-1$

O livro como imagem do mundo é de toda maneira uma ideia insípida. Na verdade não basta dizer Viva o múltiplo, grito de resto difícil de emitir. Nenhuma habilidade tipográfica, lexical ou mesmo sintática será suficiente para fazê-lo ouvir. É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira mais simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre $n-1$ (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a $n-1$.

Gilles Deleuze e Félix Guattari

**Durval Muniz de
Albuquerque Júnior**

**REGIÃO E
MISTIFICAÇÃO:**

**o Nordeste é resistência?
Quem resiste no Nordeste?**

João Pessoa, 2020

*M-1
edições*

Teima em se fazer de espaço, gente, quando é gente que faz espaços. Sempre o mesmo ramerrão, dar jeito de criatura a uma região. Regionalismo nordestino, nisso é insistente, atribuir a um espaço aspectos de vivente. Agora se proclama, em tom estridente, que o Nordeste é resistente. A despeito de toda a aparência, que o Nordeste é resistência. Se mal me pergunte, o Nordeste resiste a que, excelência? Nordeste, pode ser assim, sujeito, de ações em busca de respeito? Falar Nordeste, como se dissesse de uma coisa só, inteirinha, sem nenhuma fissura, sem nenhuma hierarquia, não é dizer abobrinha? Não seriam nossos falares, que constituem os lugares? Onde já se viu, espaço vazio, sem gente, falar eloquentemente? O povo fala de Nordeste, como se fosse um bicho que sente, que se agita, que se rebela, que fica desconforme e descontente. Logro do discurso regionalista, fazer do dizer Nordeste, em lugar do dizer sua gente, um vício, um costume, uma obviedade recorrente. Procedimento fundante do discurso em torno da região, submeter as coisas humanas ao gesto da espacialização. Os sujeitos viram espaço e o espaço vira sujeito. Ardil do discurso regionalista nordestino, fazer do Nordeste pessoa, despersonalizando quem o povoa, desde o mais aquinhoado até o mais mofino.

Mais uma vez, vivemos uma história em rima pobre, que emparelha região e mistificação. Região, palavra comum, dentro da métrica, mas mistificação, de que se trata, o que significa palavra tão escalafobética? Dizem que a palavra vem lá dos gregos, das pessoas iniciadas nos mistérios eleusinos, os ritos de iniciação ao culto das deusas agrícolas Deméter e Perséfone, *mystes* eram os praticantes desse culto divino. Os *mystes* deveriam silenciar sobre o rito, deveriam guardar segredo, daí porque a palavra mistério também vem desse nome grego. Mistificar não deixa de ser provocar o silêncio, fazer mistério, silenciar sobre alguma coisa, de propósito, gesto deletério. Mistificar é iludir, é lograr, fazer alguém acreditar em algo falso, em uma mentira, é enganar. Mistificar é abusar da credulidade alheia, é ludibriar os parvos, é ilusionar a mancha. Nesse cordel de pé quebrado, vou tentar explicar direitinho, como, mais uma vez, a região Nordeste e mistificação, passaram a ser vizinhos, como é que as coisas tomaram esse caminho. Não estou dizendo que a região é a autora da mistificação, ela é o produto, o resultado, dessa ação. Ação feita por muita gente esperta, repetida por muita gente desatenta, apoiada por outras tantas boca-aberta. Muita gente que

se considera das esquerdas, gente que se diz crítica, embarcou nessa barca furada e mítica.

Recebi um convite para entrar nessa pendência, nessa peleja, nesse desafio, que tem como mote “o Nordeste é resistência”. Ou eu colocava a viola no saco ou me apresentava para ser dissidência, para ser voz desafinada, nessa litania de reverência. A palavra região, não esqueçamos, vem de espaço sob o domínio do rei, sob o governo dos soberanos. Há que se perguntar sempre, ao tratar de região, que forças fazem daquele espaço sua área de dominação. Há que se lembrar sempre, região, é espaço inventado pela imaginação. Diverso na empiria, unificado pelo trabalho da poesia. Sim, região é quase um poema, pois é produto da linguagem e de um estratagema. Artifício de unificação do diverso, elaborado em prosa e verso. Região, os poderes reconhecem, se torna oficial, mas antes é preciso que tenha amparo social. Região traçada pela régua do Estado, sem ser vivida pelas pessoas, é coisa perdida, é coisa à toa. O poeta sábio já dizia: “Nordeste nunca houve, Nordeste é ficção”,¹ assim por inteiro, sem fratura ou fricção. Nordeste

1. BELCHIOR, *Conheço o meu lugar*, 1999.

é armadilha, é lorota, é fabulação, mas é fabricação vi-vida, assumida, por todos em eleição. Nordeste existe, assim, sem diferenças, sem desigualdades, nos desvãos sublimes de nossas subjetividades. Nordeste, habita a todos que nele vivem, mas viver nele não é o mesmo habitar, é muito diferente, inclusive. Quando se diz: “Nordeste é resistência”, há que se indagar, que Nordeste, cara pálida, resiste, qual deles, particular? Se na região, nem toda residência é a mesma, por que será a mesma toda resistência? Resistência de governador de estado, é a mesma resistência do pobre coitado? Se ao falar de resistência, está a se referir à grande política, à política de Estado, ela não é tudo, e tem alcance limitado. “O Nordeste não votou em Bolsonaro”, para quem vive aqui, isso não está assim tão claro. Qual Nordeste não foi bolsonarista? O Nordeste, dos moradores e dos possuidores de capitais, deu vivas ao capitão, bateu continência, fez arminha com as mãos e tudo mais. Nordeste da classe média, quase a mesma merda de outros locais. Campina Grande, a rainha da Borborema, se prostrou, como súdito e plebeu, e as botas do fascismo lambeu. Cinquenta e seis por cento dos moradores da cidade, votaram no mito, sem pestanejar ou fazer cara de vômito.

Se a primeira mistificação é confundir gente e região, a segunda é o embuste da homogeneização. Dizer que o Nordeste é resistência, é tornar invisível o que há, nesse espaço, de diferenças. A mesma fúria assassina, o mesmo ódio, o mesmo ressentimento, aqui domina, a depender de com quem convivas e se a observar melhor te destinas. O discurso regionalista é um perigo, porque coloca no mesmo saco gatos que não são amigos. Numa luta política, é importante identificar o adversário, nesse sentido o discurso regionalista age como um falsário. A região é mistificada, quando se vende a ilusão, de que aqui, a resistência ao domínio da extrema-direita, no país, é um traço de união. “Todos os governadores do Nordeste são de esquerda”, por isso estão contra Bolsonaro, verdades só admissíveis nos delírios dos bolsonaristas ignaros. Nem todos são de esquerda, muitos foram eleitos com os votos da direita, essas divisões no Brasil, dificilmente se ajeita. Quem afinal os reuniu, em consórcio regional, foi a boçalidade presidencial. O preconceito contra o nordestino, do qual o presidente é um entusiasta militante, agudizada pela derrota acachapante, nos nove estados da região, o fez considerar esse espaço, do comunismo, um perigoso bastião. Perseguição

desabrida e declarada, vinda do governo federal, sopa no mel da choradeira regional. Sempre chorosas de uma pretensa discriminação estatal, as elites nordestinas se viram mergulhadas, gostosamente, em seu ambiente natural. Vivendo por tempos, da súplica e da cantilena da pretensa pobreza, as elites nordestinas se viram quase em estado de natureza. Agora alguns se dizem resistentes, mas há pouco tempo estavam encarapitados nos palanques do candidato convalescente. Rebelião de policiais no Ceará, o fascismo desfila pelas ruas em camburões e viaturas, homens mascarados, vestes com imagens de caveiras, saudosos da ditadura, o arremedo de coronel, após ser agredido, tenta resolver com escavadeira. Ceará, onde médicos distribuíram bananas para os colegas cubanos, onde os chamaram de escravos e até de orangotangos. Onde um juiz, todo ano, procurava anular as provas do Enem, porque democratização do ingresso na universidade não podia fazer bem.

Sim, há o consórcio Nordeste, importante iniciativa, de articular e organizar, regionalmente, as ações administrativas. É o regionalismo nordestino, em funcionamento, diante da clara hostilidade do governo federal, que o legitima e lhe dá fundamento. Governadores de posições

políticas diversas, embora a maioria seja de partidos de oposição, se articularam para se apresentarem coesos e terem mais força em seus embates com a União. Quase todos, são lideranças políticas que emergiram nos últimos anos, graças às mudanças econômicas e políticas que a região sofreu, crescendo acima do crescimento do país, coisa que não estava nos planos. O avanço do Nordeste, sua mudança de situação, foi motivo de ódio e ressentimento, fora da região. As mudanças políticas, acarretadas pelas administrações do Partido dos Trabalhadores, geraram entre as oligarquias tradicionais, que passaram a colecionar dissabores eleitorais, muita rejeição e reação, mesmo se dizendo aliadas, quando a oportunidade apareceu, já estavam preparadas, para apoiarem o golpe contra a democracia, como sempre estiveram acostumadas. Efetivamente, não temos no Nordeste, no momento, nenhum governante simpático ao fascismo tupiniquim, os governadores têm resistido a implantar o que há de pior e de ruim. Em termos de políticas públicas, nesse sentido, se pode dizer, que Nordeste tem sido resistência, embora haja contradições e incoerências.

Não se iludam senhores, no Nordeste há de tudo, inclusive o machismo do cabra da peste, a homofobia, o

racismo, a misoginia, o desejo de morte, o mesmo preconceito de classe, os mesmos cafajestes. Em terra em que se mitifica cangaceiro, jagunço e coronel, o culto da violência é de tirar o chapéu. Como não se vai simpatizar com quem promete trazer a segurança de volta, enviando bandido para o beleléu. Em terra em que sempre se cultuou santos, milagreiros e profetas, há quem ache que o homem sobreviveu, à facada, por ser um enviado de Deus. A mistificação religiosa, se mistura a mistificação política, em igrejas e denominações cada vez mais ricas. Acostumados ao culto dos mistérios e dos místicos, há quem cultue o mito, ou o misto de insensatez e impostura. Só que, no Nordeste, ele teve que se defrontar com outro mito, que responde pela alcunha de Lula. Nordestino de nascença, identificado por boa parte do povo da região, como um dos seus, um pai, um amigo, um irmão. O menino que fugiu da fome, num pau-de-arara, que, como tantos nordestinos, foi ser pião de fábrica, em São Paulo, terminando por se tornar o cara. A sua trajetória, até a presidência, um mero Silva, sem muita ciência, chegar onde chegou, motivo de respeito e reverência. O presidente que pôs os pobres no orçamento, criando programas sociais, que deu oportunidade de

emprego e renda, como não se fizera, jamais. Trouxe a luz para todos, retirando milhares da escuridão, aposentando as lamparinas, derramando o gás do lampião. Para gente de classe média, gente cidadina, que sempre viveu alumiada, não faz ideia da mudança, que é contar com energia em sua morada. Espalhou universidades e institutos federais, pelas cidades do sertão, construiu milhares de cisternas, começou a realizar a transposição. Portanto, o que aconteceu no Nordeste, nas últimas eleições, foi uma peleja de mitos; empresários, parte da classe média e do povão, notadamente aquele mobilizado pelos currais eleitorais das religiões, votaram no capitão vingador; outra parte da classe média e grande parte das camadas populares, agradecidas ao presidente, que para elas olhou, votaram no Radade (Haddad), porque o presidente Lula mandou. Não vamos exagerar na romantização, no Nordeste não ocorreu nenhuma grande revolução, mudanças importantes ocorreram, para além disso, é pura mistificação.

No discurso da resistência, algo mais se mistifica, as diferenças sociais, de classe, de gênero, étnica. Da mesma forma, que não é o espaço homogêneo que resiste, não são todos os nordestinos, que se colocam

na oposição ao que aí existe. Nos aeroportos da região, no período que antecedeu ao processo eleitoral, o mito foi recebido por seguidores entusiastas, carregado nos ombros, aos gritos de que era o maioral. No dia de sua vitória, uma gritaria rancorosa e ressentida, se espalhou pelos bairros de classe média, fogos, fora PT, acabou a farra, é bom já ir se acostumando, frases sempre repetidas, as caminhonetas da moda, os carrões, percorreram em festa as avenidas. Os mesmos grupos corporativos, que foram sua base de apoio, em outras regiões, no Nordeste, também se fizeram presentes: militares, juristas, policiais, médicos, taxistas, crentes. Até mesmo no interior de categorias, que são vistas pelos seguidores do fascismo, como sendo um bando de comunistas: professores, estudantes, intelectuais, artistas, vimos exaltados defensores, além dos aproveitadores da hora, os maria-vai-com-as-outras, os oportunistas. A elite empresarial, com raras exceções, se entregou, gostosamente, ao fascismo, entusiasmada com as promessas de uma política econômica neoliberal. Herdeira de valores escravistas, escandalizada com as mudanças sociais que assistia, ressentida porque o pobre, agora, não mais se submetia, às precárias condições de trabalho que ofereciam,

porque viveriam das bolsas do governo, que incentivavam a preguiça e a boemia. Acostumada com séculos de submissão e subordinação, ao seu mando e tacão, o empoderamento dos pobres lhe pareceu subversão, da ordem natural e divina do mundo. Assim dizia o guru filosófico da reação, assim pregavam, dos púlpitos, os pretensos profetas da salvação. Mas, mesmo entre aqueles, vilipendiados e rejeitados, pela retórica fascistoide do capitão, a extrema-direita encontrou adeptos, nas capitais e no interior da região: homossexuais homofóbicos, negros racistas, mulheres machistas e misóginas, pobres identificados com os valores da burguesia, jovens com ideias de antanho, todos marcharam, de verde e amarelo, com a camisa da seleção, para colocar nas urnas um voto para o ungido, aquele salvo por Deus, para exercer uma missão: salvar o país do comunismo e da corrupção. Só no estereótipo, nordestino é tudo igual: o mesmo modo de falar, o mesmo gestual, a mesma cabeça chata, o mesmo capiau, que vota com o bucho e não com o racional, o mesmo jumento, preguiçoso e imoral, sustentado pelo trabalho do sulista, vivendo na rede e não sabendo, na venta, onde está o pau. Nordeste, resistente, é preciso nomear, quais nordestinos, para

não se deixar engambelar, pelas armadilhas do discurso regionalista, pronto sempre a homogeneizar, o que é heterogêneo, desigual e particular.

Assistimos na região Nordeste, as mesmas passeatas dos “patriotas”, chamando os “mortadelas” de idiotas, mandando que fossem para Cuba e Venezuela, que a pátria estava acima de tudo, e Deus acima de todos, e muitas outras lorotas. Médicos, todos de branco, como se estivessem a exorcizar, o negro dos colegas cubanos, transformando consultórios em comitês eleitorais, ameaçando com a peste, com a morte e com poderes sobrenaturais, aqueles pacientes desleais. Mal sabiam eles que a peste viria, as mortes se empilhariam e, com elas, o seu mito derreteria. Assistimos às passeatas contra as cachorras, contra as feministas, que não depilavam as axilas, nem a vagina, que gritavam “ele não”, por ser um bando de mal-amadas, de mal comidas, de sapatão. Assistimos às mesmas falas racistas: os negros não queriam mais trabalhar no pesado, só queriam estudar, fazer faculdade, ocupar o lugar, que não estava para eles destinado. As empregadas domésticas viveriam no shopping, usariam o mesmo perfume que a patroa, comeriam iogurte, praticariam jogging, iam fazer compras em Miami,

viajavam de avião, denunciavam o bullying, sofrido da parte do patrão ou de seu filho yuppie. O mundo estava virado do avesso, de ponta cabeça, a culpa era do PT, é preciso que se esclareça, opinião unânime, entre as madames da Aldeota, de Boa Viagem, da Jatiúca, de Ponta Negra e do Bessa. Pobre a comprar carros, enchendo as ruas, provocando engarrafamentos, aeroportos que parecem rodoviárias, supermercados e lojas abarrotadas, tudo isso era um tormento, para uma elite acostumada, a ser privilegiada, distinta, atendida, exclusivamente, em seus requerimentos. Num país onde ainda se julga que as pessoas possuem qualidades desiguais, que estão em distintos estágios do humano, onde alguns se sentem donos do mundo e maiorais, a partilha, a solidariedade, o combate à desigualdade, o fim das hierarquias, não possuem apoios cabais.

O discurso do Nordeste, como região da resistência, traz outra clara mistificação, nascida da revivência, de um discurso anticomunista, anacrônico e sem base em evidências: a de que esse espaço seria, da esquerda, residência. A fragilidade das organizações de esquerda, dos movimentos sociais, dos sindicatos, das entidades da sociedade civil, quedou explicitada, no embate com

as organizações de direita, com a grande imprensa, com a mobilização política conservadora, tão atuantes aqui, como em qualquer parte do Brasil. Três estados são governados por políticos de um partido dos trabalhadores, dois por governadores eleitos por um partido dito socialista, um por um partido nomeado de comunista, mas não nos deixemos enganar, não fazem necessariamente gestões esquerdistas, se apoiam em forças políticas tradicionais, fazem gestões nos marcos da ordem capitalista, foram escolhidos por um eleitorado que está distante de ser extremista. A projeção nacional da figura do governador do Maranhão, Flávio Dino, reforça essa falsa imagem, da existência de um esquerdismo nordestino, de que o Nordeste é a região vermelha, de que aí impera uma visão progressista do mundo, deixando os conservadores com a pulga atrás da orelha. Não se desconhece que, viver e trabalhar sob a batuta desses governadores, é muito mais desejável, que sob a administração de um bolsonarista, de genocidas exibicionistas ou de almo-fadinhas fascistas. Por ser a região que concentra os maiores níveis de pobreza do país, os programas sociais adquirem, aí, enorme importância econômica, social e política, o esvaziamento desses programas, promovido

pelo governo atual, torna-se, naturalmente, motivo de crítica. Tendo recebido um grande volume de investimentos em infraestrutura, durante os governos petistas, a região viu todas as grandes obras paralisadas, mesquinhas retenções de recursos, má vontade a perder de vista. Tendo que ir à justiça, para receber repasses normais da União, é compreensível que os governadores da região, tenham se unido no combate a uma clara discriminação. O presidente chegou a chamá-los de governadores “paraíba”, aconselhando o ministro da Casa Civil, a deixar todos na pindaíba, como poderiam não resistir e procurarem encontrar, conjuntamente, uma saída? O preconceito contra o Nordeste e os nordestinos, é um elemento do fascismo brasileiro, os cabeças-chatas, os baianos, os paraíbas, os paus-de-arara, é o bode expiatório costumeiro, de toda crise e aumento de tensão, em torno da repartição nacional do dinheiro. Em toda conjuntura de crise fiscal, a disputa por recursos se torna mais renhida, a articulação regionalista nordestina buscou fazer com que qualquer perda de recursos viesse a ser tolhida. Por ter sido decisiva para o resultado de duas eleições seguidas, tornou-se a vítima preferencial daqueles que ficaram pê da vida, por terem sido derrotados; rancorosos

e ressentidos, por verem seus interesses atingidos, alçunharam os nordestinos de gado. Nessas situações de embate nacional, o regionalismo nordestino fala mais alto, gerando solidariedade e coesão, revolta e indignação, fazendo muita gente descer do salto. Nesses momentos, as profundas desigualdades sociais parecem ficar esquecidas, o Nordeste se apresenta como um bloco coeso, como uma realidade social sem fissuras, imagens bastante distorcidas. Nesses momentos de disputa e de tensão, se mistifica a região.

Mas, afinal, você quer dizer que no Nordeste não há resistência? Que o entusiasmo das plateias do filme *Bacurau* é pura incoerência? Que o filme catártico de mais uma derrota política merece ser visto com prudência? Para muitos, desde que o Nordeste é Nordeste, viver, todo dia, já é resistir. Afirmar a vida, em condições tão adversas, necessita muito insistir. Em muitos momentos, na história do Nordeste, permanecer vivo requereu jamais desistir. Luta sem facão ou parabélum, peleja sem bacamarte ou faca peixeira, embate sem rifle, sem balas, sem espingarda de pederneira. Luta desarmada, peleja desalmada, contra a fome e a coleira. Seja nas calamidades periódicas das secas, seja na tragédia cotidiana

da lida, muitos só tinham como arma, a força mesma da vida. Nos Nordeste, variados e diversos, sempre houve resistência, às vezes resistência extrema, de gente que parecia estar condenada a penitência. Penitência e pestilência, não é a primeira vez que por aqui medra, foi, para muitos, o pão nosso de cada dia, nesses sertões de miséria e pedra. Nordeste, são terras onde ficar vivo, para muitos, durante décadas, já era um logro, era preciso peleja e teima, fincar pé ou fugir, para evitar o malogro. Nordeste, onde se faz da língua tumba, para narrar a desdita, de milhares de vidas, sem importância, transformadas em estatística. Corpos esqueléticos, pele e osso, registrados em fotografia, a vida ali resiste, precária, renitente, insistente, seguindo em sua porfia. Cambaleando pelas estradas, estirando a fome em léguas, em busca da terra prometida, seguem sob um sol abrasante, que não promete nenhuma trégua. Imagem excelente para poema e literatura, fazendo fama de gente, de pessoal diligente, na pintura, mas de pouca serventia, nenhuma garantia, para a vida da triste figura. Despossuída e desapossada de sua própria imagem, vai dar vida de fama e desfrute a outros personagens, enquanto segue em seu anonimato, preparando o que pode ser sua última

viagem. Nessas terras, muitas vezes, só a vida grita, se entrincheira em corpos curtidos pelo sofrimento, desafia, de peito aberto, toda e qualquer desdita. Para os pobres desses Nordeste, que são multidão, milhões, nascer vivo já é resistência, pois são caçados pela fome e pela desnutrição, desde o útero da mãe, sua primeira residência, quiçá a única que poderá chamar de própria, em toda a sua existência. Essa gente, a qual os abastados querem negar uma Bolsa Família, pois a querem ver na absoluta submissão, pastando nos campos da fome, servindo servis aos serviços dos “homens”, devotando devotos o seu voto ao “bondoso” patrão.

De vida nua, de carne exposta à tortura e à dominação, de gente matável por aqueles que representam o bem, essa gente entende, nordestino pobre sabe mais, na pele, do que o filósofo Agamben.² De necropolítica, os sobreviventes de dois genocídios, da matança dos indígenas e do consumo das carnes dos negros, seus ancestrais, essa gente mestiça, esses cabras, essa cabroeira, essa gente mambembe sabe mais, do que o

2. AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. 2 ed. Belo Horizonte, UFMG, 2010.

Achille Mbembe,³ filósofo de África, continente de onde vieram, sob ferros e tortura, os seus antepassados, em figuras espectrais. Nordestes, pioneiros na feitura de campos de concentração, vidas mugindo de dor e aflição, em currais de bárbaros, agonizando sob moscas e urubus, ao lado dos trilhos de ferro, assentados por seus braços exangues, como promessas de salvação. Ao lado da viação do progresso, da modernidade, a via-crúcis das carnes, expostas ao relento, vizinhas à viatura prometedora de exportação, de mercadorias e pessoas, que agora transportava apenas desolação. Nordestes da tocaia, da morte por encomenda, das brigas de família, do sangue correndo na luta por uma fazenda, do jagunço, do pistoleiro, fazendo da morte fonte de renda, da volante e do cangaceiro, de cabeça cortada, virando lenda. Esses Nordestes, dignos de cinema, para classe média assistir, sem nenhum problema, para os homens e mulheres que os viveram, não foi diversão alguma, foi dilema. Falar de resistência, para quem sair dos cueiros foi uma façanha, vencer a diarreia, a subnutrição, a papa d'água, os vermes roendo as entranhas, pegar no

3. MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1edições, 2018.

cabo da enxada desde os seis anos, ser criança e não ter direito a manha, nem amanhã, é ignorância tamanha. Resistir é viver nos alagadiços e nos mangues, nos casebres de taipa, nos mocambos, nas favelas e taperas, vestidos de molambos.

Resistir é fazer da precariedade beleza, é transformar, por poucas horas, a mãe negra em realeza, é fazer do pouco e do menos, quitutes de encher a mesa. Resistir é ser capaz de festança, de samba, de batucada, de cachaça e de lambança, é colocar em versos e ritmos, as suas tristes lembranças. A resistência se faz dia a dia, na teima em não abrir mão de suas fantasias, de suas crenças, de seus desejos, de suas alegrias, em não deixar aprisionar a criatividade e a capacidade de alegoria. Foi preciso resistir à polícia, para colocar o bloco na rua, candomblé e umbanda, perseguição que continua, cortes de navalha, golpes de porrete, desafios de lança, foi assim que o povo entrou na dança, e inventaram um tal de folclore e cultura popular que, hoje, intelectual cultua. No centro de tudo as carnes, corpo que se balança, que ameaça se despedaçar e perder o prumo, na frevança, corpos perigosamente desconjuntados, na horizontal, horrorizando o grande nome

de folclorista nacional. Corpos desafiando a gravidade, natural e moral da sociedade, corpos em desordem e desalinho, indisciplinados, vivendo do drible, do passo, da pirueta e do jeitinho, vivendo da artimanha, da ma-landragem, do crime, do descaminho. A mesma carne que padece de fome, brilha de sensualidade, sedutora e faceira, desafia as censuras das autoridades, rodopia no maracatu, no lundu, nos reisados, estadeando majestade. A mesma carne que padece no eito, tira o verso do peito, seduz e encanta na canção. Transforma precisão em poema, mote de viola, refrão de cantiga, escultura de barro sobre o mesmo tema, redes de dormir e de pescar, tecidas na areia e no bar, no terreiro e no lar, redes de mãos cerzindo emblemas. Resistir é ser poeta sem letramento, é escrever folhetos, pelejas, romances, sem os necessários esclarecimentos, é transformar a revolta em rima, a humilhação em lamento, é aprender a tocar, sem professor ou conservatório, um instrumento. Resistir é trazer na face um sorriso, banguela e indeciso, apesar de todas as tristezas, é o gargalhar, gaiato e zombeteiro, sobre suas próprias safadezas, é o riso acolhedor e generoso, de quem tem pouco, mas é só gentileza. Resistir é trazer a fartura na própria compleição, corpos roliços e

descuidados, autoestima nas alturas, onde celulite é celebração, do poder comer todos os açúcares e gorduras, que lhe faltaram em tempos de desnutrição.

Por isso, quando enunciam, o Nordeste é resistência, fico cabreiro com tal mistificação, é preciso sempre que se diga, de que Nordeste se está falando, quem encarna essa região. Há, hoje, no Nordeste, distintas formas de resistência, institucionais, levada a efeito pelos movimentos sociais, pela sociedade organizada, pelas administrações locais, pelas organizações não-governamentais, pelos intelectuais, artistas, por aqueles que fazem ciência. Mas nesse cordel de pé quebrado, que eu apresento as vossas excelências, quis ressaltar a resistência daqueles quase invisíveis, a resistência diária daqueles vistos como facilmente substituíveis, aqueles quase sem representação, os que passam ao largo de qualquer organização, movimento ou instituição. A gente humilde desses nove estados, que um dia fez o poeta maior de nossa canção ter vontade de chorar.⁴ Essa gente para quem viver cada dia já é resistir, às filas dos ônibus, ao calor e impensado dos trens, ao trabalho

4. BUARQUE, Chico. *Gente humilde*, 1970.

tedioso e pesado, à exploração brutal do patrão, ao fim de mês sem vinténs, às emergências do SUS, aos corredores de hospital, gente para quem endemia é diária e normal. Essa gente que precisa resistir à escola sem professor e material, para quem ser aprovado no Enem é quase sobrenatural, que ainda lutam para fazer do ensino superior, público, um direito universal. Essa gente de cor, que sabe o preconceito e o racismo de cor, que já nascem com menos oportunidades, por serem considerados menor, que se delinquir, haverá sempre que ouvir, que deve partir, dessa para uma pior, inclusive gente de religião, de Jesus, que diz ser cristão e salvador mor. Essa gente que quando é gay, homossexual, trans, travesti, tem que resistir, para poder viver o seu amor, gente que pode perder a vida, em cada esquina, em cada noite, em cada encontro com um senhor, de respeito e alta sociedade, que fará de conta que nunca a viu, ao pegar o elevador. É importante a resistência coletiva e tomara que ela reviva em nossa sociedade, mas precisamos falar dessas vidas, que só no existir já é resistir, já é resistência. 👑

Durval Muniz é Doutor em História pela Unicamp, professor titular aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professor permanente na Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É autor de *A invenção do Nordeste* (Cortez, 1999) e de *Xenofobia* (Cortez, 2016), entre outros.

n-1edicoes.org



abril_2020

